

## **Ausências Rememoradas: um ensaio visual sobre fotografia e memórias familiares**

### ***Absences Remembered: A Visual Essay on Photography and Family Memories***

Vitória Jansen Sampaio Costa<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG  
**Indique com sim ou não**  
Associado/a/e ANPAP: Não

Cláudio Tarouco de Azevedo<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG  
**Indique com sim ou não**  
Associado/a/e ANPAP: Não

**Resumo:** Neste ensaio visual apresento, através do relato pessoal e de imagens, a minha experiência com a ausência de alguns integrantes da minha família nos arquivos fotográficos familiares. Com base em uma trajetória marcada por deslocamentos, memória parcial e distância, o trabalho busca reconstituir, pela poética fotográfica, as presenças que não foram registradas. A partir de autores como Kossoy e Rouillé, discuto a fotografia como construção simbólica, afetiva e política da memória.

**Palavras-chave:** Apagamento. Fotografia. Memória. Família.

**Abstract:** *In this visual essay, I present, through personal narrative and images, my experience with the absence of certain family members in photographic family archives. Based on a trajectory marked by displacements, partial memory, and distance, the work seeks to reconstitute, through photographic poetics, the presences that were not recorded. Drawing on authors such as Kossoy and Rouillé, I discuss photography as a symbolic, affective, and political construction of memory.*

**Keywords:** Erasure. Photography. Memory. Family.

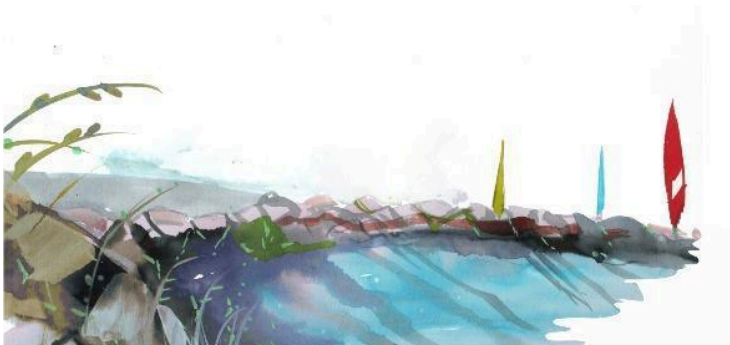
---

<sup>1</sup> Vitória Jansen Sampaio Costa é graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), com ênfase em fotografia e práticas poéticas contemporâneas. Integra o grupo de pesquisa ARTÆECOS.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2379716065562179>

<sup>2</sup> Cláudio Tarouco de Azevedo: Professor dos Cursos de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, artista visual, vegetariano e pesquisador. Pós-Doutorado em Criação Artística Contemporânea pela Universidade de Aveiro. Coordenador do Grupo de Pesquisa ARTÆECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica – FURG/CNPq; vice-líder do Grupo Photographein – UFPEL/CNPq.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8041917371066975>



## **Ausências Rememoradas: um ensaio visual sobre fotografia e memórias familiares**

Minha família vem do Nordeste. Meu pai, Petronilo, nasceu em Patu, no Rio Grande do Norte. Minha mãe, Auricedina, nasceu em Peritoró, no Maranhão, mas foi registrada em outra cidade, já que foi adotada ainda bebê. Meus pais se conheceram no Maranhão e, algum tempo depois, foram para o Pará, onde nasceu minha irmã, Taylla, na cidade de Altamira. Depois disso, voltaram para o Maranhão, onde meu irmão Walef nasceu, em Coroatá.

Eles trabalhavam — e ainda trabalham — com cesta básica, o que os fez mudar com frequência. Não sei exatamente quanto tempo viveram em cada lugar, mas conheço, minimamente, os caminhos por onde passaram. Depois do Maranhão e do Pará, foram para Curitiba, no Paraná. Lá nasceu meu irmão Thiago. De todos os lugares por onde passaram, Curitiba é o que mais aparece nas histórias que contam. É a cidade da qual sentem mais falta, dos amigos, dos que viveram por lá — mesmo que hoje não tenham planos de voltar.

A vida os levou mais ao sul. Vieram para Santa Catarina, onde eu nasci, em Joinville. Eu, Vitória, nasci por cesariana. O médico disse à minha mãe que se esperasse mais um pouco talvez nem ela, nem eu, estivéssemos aqui agora. Cresci em Criciúma (SC), cercada por parentes do lado da minha mãe — parentes adotivos que a criaram como filha.

Cresci ouvindo meu pai falar de Patu — como Patu é linda, como lá está a igreja mais bonita do Brasil, a serra mais imponente, e todos os irmãos dele. Meus tios, minhas tias, uma família inteira da qual eu ouvia falar, mas não sabia os rostos, nem as histórias. Mal tínhamos fotos deles em casa. Uma grande família repleta de primos e primas que eu não conhecia.

Quando adolescente, fui para lá. Foi estranho. Tanta gente, e todos estranhos. E eu, sozinha. Lá, percebi que nunca tinha visto uma foto dos meus avós paternos. Todos os irmãos do meu pai tinham uma imagem deles colada na parede. Vi também, pela primeira vez, fotos da infância do meu pai. Ele parecia tão diferente. Nos álbuns de casa ele já aparece adulto. Sinto tristeza por isso. Tristeza de não termos guardado essas imagens. Mas, ao mesmo tempo, foi bom descobrir como eles eram — tanto os rostos nas fotografias quanto as vozes que hoje conversam conosco por celular, mesmo que eu não tenha gostado de todos os primos.

Do lado da minha mãe, havia a família biológica. Conheci parte dela, mas é um grupo menor em comparação com o lado do meu pai. Alguns já estiveram em Santa Catarina. Morei com um primo meu por bastante tempo. Mas minha avó e meu tio só vieram uma vez, para o meu batizado. Não tenho fotos com eles daquele dia. Acredito que não foram reveladas, ou talvez tenham se perdido com o tempo. Minha avó já faleceu. Recentemente percebi que só tenho uma única foto com ela — eu ainda bebê, sem idade para lembrar. Sinto que poderia ter convivido mais com ela. Poderíamos ter mais imagens juntas. Mas ela morava em Goiânia e só fui até lá no dia do enterro. Meus

irmãos mais velhos, depois de adultos, conseguiram visitá-la. Eu e Thiago não tivemos essa chance. Poderia ter tirado pelo menos mais uma foto com ela, mas essa também se perdeu.

Nesse meio tempo, viemos para o Rio Grande do Sul, Rio Grande. Mais uma vez, o trabalho dos meus pais nos levou para outro lugar. Mas, dessa vez, não veio a família toda. Meus irmãos mais velhos ficaram no primeiro momento. Minha irmã, na verdade, nunca chegou a morar aqui. Acho que todo esse sentimento de solidão ficou mais forte nos meus pais quando se mudaram para cá. Vieram sozinhos, sem outros familiares, e tiveram dificuldade de fazer amigos. Os natais ficaram mais vazios em comparação aos de outras cidades.

Mas talvez isso também tenha a ver com o tipo de lugar que é aqui — muita gente trata essa cidade como algo passageiro. O desejo dos meus pais de ter os parentes por perto, de certa forma, passou para mim. Talvez seja por isso que, quando olho as fotos, sinto que faltam pessoas. Penso que poderia ter convivido com elas.

Essa percepção da ausência nas imagens fotográficas familiares extrapola o âmbito pessoal e remete ao papel da fotografia como construção simbólica da memória. Para Kossoy (2009, p. 22), toda fotografia é “plena de ambiguidades, portadora de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas, que aguardam pela competente decifração”. Nesse sentido, o que se omite ou não se enquadra também compõe uma narrativa.

No meu caso, a falta de retratos da minha família negra não representa apenas uma lacuna afetiva, mas evidencia um processo histórico de invisibilização. Kossoy (2009, p. 22) lembra que “as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos”, pois a “segunda realidade” é sempre uma representação elaborada — carregada de escolhas estéticas, culturais e ideológicas.

André Rouillé (2009, pp. 142–143) mostra que, desde meados dos anos 1980, a fotorreportagem largou o registro “ao vivo” para funcionar como um set cinematográfico, com cenários, luzes e poses pré-definidos visando à persuasão. Se a imagem é, portanto, uma fabricação, o que me impediria de usar esses mesmos recursos para reconfigurar cenas e dar forma às ausências? É justamente esse gesto construtivo que minhas imagens nascem dessas lacunas da memória: não para reproduzir o real silenciado, mas para evocá-lo poeticamente, por meio da montagem.

Em suma, este ensaio assume a falta de imagens como matéria-prima e gera fotografias que não buscam registrar o já ocorrido, mas evocar as ausências. Por meio de uma poética visual, torno visíveis as memórias que ficaram fora do enquadramento, convertendo lacunas em gestos afirmativos de reinvenção histórica.



Imagem 1. Vitória Sampaio, Formatura, Colagem digital, 10cm x 15cm, Rio Grande, 2025. Foto: Acervo da autora, 2025.



Imagem 2. Vitória Sampaio, Eu, Colagem, 16cm x 31cm, Rio Grande, 2025. Foto: Acervo da autora, 2025.



Imagem 3. Vitória Sampaio, Sonho, Colagem, 10cm x 15cm, Rio Grande, 2025. Foto: Acervo da autora, 2025.



Imagem 4. Vitória Sampaio, Sem título, Colagem, 10cm x 15cm, Rio Grande, 2025. Foto: acervo da autora, 2025.

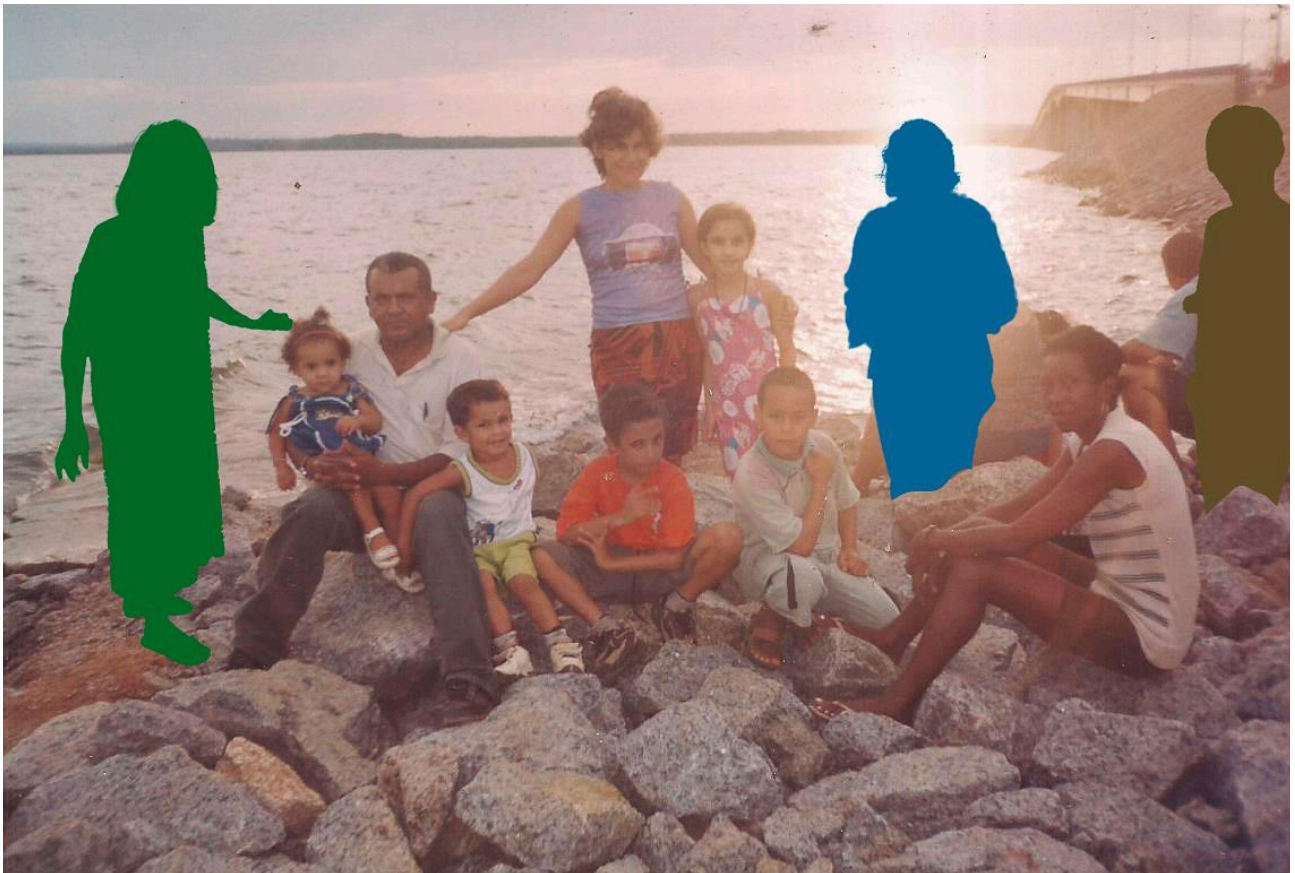


Imagem 5. Vitória Sampaio, Família, Colagem, 10cm x 15cm, Rio Grande, 2025. Foto: acervo da autora, 2025.



Imagem 6. Vitória Sampaio, Família 2, Colagem, 10cm x 15cm, Rio Grande, 2025. Foto: acervo da autora, 2025.

### Referências:

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.